



# PUC RIO

ELIANE ROITMAN

O CONCEITO DE DEFESA NA TEORIA FREUDIANA DOS SONHOS

Departamento de Psicologia

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, fevereiro de 1975.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

N.Chamada: 150 / R741 / TESE UC

Titulo: O conceito de defesa na teoria freudiana



0 0 3 1 3 2 9

Ex 1-CENTRAL

2060

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO  
Departamento de Psicologia

O CONCEITO DE DEFESA NA TEORIA FREUDIANA DOS SONHOS

Eliane Roitman

Tese submetida como requisito  
parcial para a obtenção do grau  
de Mestre em Psicologia.

Rio de Janeiro, fevereiro/1975

A todos que colaboraram na elaboração deste trabalho, à CAPES e ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica, meu agradecimento.

Ao meu Orientador, Dr. Carlos Paes de Barros, cujos comentários foram de fundamental importância para o desenvolvimento da tese, meu agradecimento especial.

## SUMÁRIO

O estudo metapsicológico do processo onírico na teoria freudiana, trouxe como decorrência a necessidade de reformulações relacionadas ao conceito de defesa. Dentro desta perspectiva, sistematizamos que o sonho não se refere a uma simples realização de desejos, mas que o processo onírico se estrutura como uma formação de compromisso, que implica na satisfação de dois pólos o do desejo e o da defesa, em obediência ao princípio do prazer.

Recuperamos a defesa como um constructo dinâmico equivalente ao conceito de desejo, diferentemente de Freud que em 1900 a conceituou topograficamente (censura). Emergem portanto os dois conceitos desejo e defesa como pares antitéticos que se entrelaçam na elaboração onírica.

Formulamos que os sonhos de angústia ficam explicados pelo fracasso da defesa em contraposição às propostas freudianas de tendências masoquistas do ego, desejos do Prec e compulsão a repetição.

Finalmente substituímos a tese de que o desejo é a única mola que move o aparelho psíquico e propusemos que o funcionamento do aparelho psíquico se deve a duas forças: o de sejo e a defesa.

## SUMMARY

The metapsychological study of the onirical process in Freudian theory introduced the need of reformulations related to the concept of defence. In this connection we have elaborated the hypothesis that the dream does not comprise simple wish fulfillment, but rather that the onirical process is structured as a compromise solution, which implies satisfaction of two poles - wish and defence - in obedience to the pleasure principle.

We have returned to the notion of defence as a dynamic construct equivalent to the concept of wish, thereby differing from Freud, who in 1900 presented it as a topographical concept (censorship). Thus, the two concepts - wish and defence - comprise an antithetical pair intermingled in the onirical elaboration.

We propound that anxiety dreams are explained by the failure of defence, in contrast to Freud's suggestions of masochistic tendencies of the ego, wishes of the Pcs.system and repetition compulsion.

Finally, instead of the hypothesis that wish is the sole force which moves the psychic apparatus, we propose that the functioning of this apparatus depends on two forces: wish and defence.

## INDICE

	Página
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - O MODELO DE 1895 - PRIMEIRA TOPOGRAFIA	6
CAPÍTULO 2 - PRIMEIRA ESQUEMATIZAÇÃO DO PROCESSO ONÍRICO.....	12
CAPÍTULO 3 - PRINCÍPIO DO PRAZER - PRINCÍPIO DA REALIDADE.....	17
CAPÍTULO 4 - A SEGUNDA TOPOGRAFIA DO APARELHO PSÍQUICO E A TEORIA ONÍRICA.....	22
CAPÍTULO 5 - REGRESSÃO ONÍRICA.....	47
CAPÍTULO 6 - SONHOS DE ANGÚSTIA.....	51
CONCLUSÃO.....	56
BIBLIOGRAFIA.....	58

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende desenvolver uma reavaliação da importância do conceito de Defesa na teoria freudiana sobre os sonhos, que fica mascarado sob o conceito topográfico de Censura. Através de um exame cuidadoso dos textos freudianos, procuraremos documentar a tese de que o sonho implica necessariamente na satisfação de dois pólos: o do Desejo e o da Defesa, sendo que é somente dentro desta perspectiva que podemos abordá-lo como uma formação de "compromisso".

A recuperação do conceito Defesa como um constructo dinâmico que se põe na mesma categoria do Desejo, trouxe a possibilidade de incluir os sonhos de angústia na metapsicologia freudiana, e a proposição de que são duas as forças que movem o aparelho psíquico: o Desejo e a Defesa.

Não vamos nos deter na parte técnica dos sonhos, limitando-nos a uma sistematização teórica do processo onírico.



No capítulo 1 estudaremos a primeira teoria do aparelho psíquico (1.<sup>a</sup> topografia - 1895),<sup>33</sup> suas várias estruturas, sistemas Phi-Psi Nuclear - Psi-Pallium - Psi-Pallium-Inibido-pelo-Ego - e suas forças características. Nesta primeira teoria, Freud lança as hipóteses fundamentais para uma teoria geral da mente humana. Seremos introduzidos aos constructos Desejo primário e Defesa primária, resultantes da descrição da experiência de satisfação e da experiência de dor. Estes constructos são essenciais para a explicação do processo onírico.

No capítulo 2 resumiremos a 1.<sup>a</sup> tentativa de teorização dos sonhos esboçada na seção 20 do "Proyecto de una Psicología para Neurólogos".<sup>33</sup> Constataremos então que apesar de implícito na teoria de Freud o conceito Defesa, a fórmula mantida ao longo de sua obra de que o sonho é sempre realização de desejos, implica na possibilidade teórica do processo onírico ser conceituado como uma simples alucinação do "objeto de satisfação". Veremos que o sonho não só se refere quase sempre a uma formação de "compromisso" que realiza o desejo parcialmente atendendo às defesas necessárias, como clarificaremos que o processo onírico não pode ser equacionado a processo psíquico primário, uma vez que envolve processos psíquicos mais complexos. Acrescentaremos ainda que o processo onírico é mais primário que o processo que rege a nossa vida em vigília, mas nunca se estabelece como processo psíquico primário "puro".

Verificaremos que o tratamento equívoco que Freud dá aos conceitos desejo e prazer levou-o a confusões teóricas inclusive a considerar desejo e prazer como sinônimos. O princípio do prazer regulador dos processos psíquicos primários (Prazer quando há o encontro perceptual com o objeto de satisfação e ou quando a defesa é bem sucedida - Desprazer quando há tensão do desejo e da defesa) é que na realidade explica o sonho. O sonho satisfaz parcialmente o desejo e atende à defesa, e é quando realiza a harmonia en-

tre os dois pólos que obedece ao princípio do prazer.

No capítulo 3 acompanhando o artigo de Carlos Paes de Barros, "Contribuição a Controvérsia sobre o Ponto de Vista Econômico",<sup>2</sup> clarificaremos a hipótese do princípio do prazer tratada em mais de um sentido ao longo da teoria de Freud e proporemos:

Princípio do Prazer I - Quando equivalente ao princípio da constância. Desprazer referido ao aumento no nível de catexias e prazer como descarga, volta ao nível anterior, o nível da constância. Esta aceção é termodinâmica, não envolvendo relações com objetos.

Princípio do Prazer II - Associado aos processos psíquicos primários, ou seja, a satisfação do desejo fica relacionada com a busca do prazer e a defesa primária, a decatetização da memória hostil, fica relacionada à evitação do desprazer. Neste caso, estamos lidando com uma formulação de nível psicológico.

No capítulo 4 estudaremos a segunda teoria do aparelho psíquico e a teoria do sonho propriamente dita (1900).<sup>3</sup> Descreveremos os quatro elementos formadores do Conteúdo Latente: Restos Diurnos; Impressões e Sensações Noturnas; Desejo; Censura e abordaremos a Elaboração Onírica que tem como resultado o conteúdo manifesto do sonho. Na Elaboração Onírica destacaremos quatro processos:

- 1) Primarização dos restos diurnos
- 2) Confecção da fantasia onírica
- 3) Representação visual do sonho
- 4) Elaboração secundária

O estudo da segunda teoria do aparelho psíquico e dos processos característicos das estruturas Inc. e Prec. remeter-nos-á a uma necessidade de clarificação do uso do con-

ceito de deslocamento que Freud em 1900,<sup>3</sup> propõe como característico do processo primário. Destacaremos que o deslocamento de catexias é um processo necessário para qualquer atividade do aparelho psíquico, sendo que o deslocamento secundário obedece a ordenação sequencial das representações enquanto o deslocamento primário desconsidera totalmente esta sequência em função do princípio do prazer II.

Neste mesmo capítulo, faremos um exame crítico da abordagem de Freud do sistema Censura. A formulação da Censura (defesa) como entidade topográfica implica na perda da conceituação da defesa como um constructo dinâmico (na mesma categoria do desejo), isto é, como uma força motivadora de comportamento. Esta omissão leva Freud a afirmar: "Resulta pues perfectamente lógico que el sueño sea una realización de deseos, dado que solo un deseo puede incitar al trabajo a nuestro aparato anímico" (pág. 556 - La Interpretación de los Sueños).<sup>3</sup> A recolocação da defesa como par antitético do desejo, conduzirá à conclusão de que duas forças movem o aparelho psíquico: "O Desejo e a Defesa".

No capítulo 5 tentaremos sistematizar o problema da regressão, faremos um exame crítico dos conceitos de regressão formal, temporal, topográfica e narcísica e selecionaremos dois tipos de regressão formal como as fundamentais do sonho.

1) - Regressão referida à primarização do processo psíquico, isto é, a perda das "ligações" do ego.

2) - Regressão que conduz à perda do "exame da realidade" e a conseqüente incapacidade de diferenciação entre o que é percepção e o que é representação.

Finalmente no capítulo 6 estudaremos os sonhos de angústia e proporemos a hipótese de que a angústia surge jus

tamente quando a Defesa não é bem sucedida, isto é, quando o sonho não se constitui como uma formação de compromisso, em substituição as hipóteses freudianas baseadas nas tendências masoquistas do ego, na incompatibilidade dos desejos dos sistemas Prec. e Inc. (cap. IX da "Interpretacion de los Suños")<sup>3</sup> ou ainda na compulsão à repetição introduzida em "Mas Allá del Principio del Placer".<sup>9</sup>

## CAPÍTULO 1

### O MODELO DE 1895 - PRIMEIRA TOPOGRAFIA

Neste capítulo tentaremos esboçar o resumo da primeira montagem do aparelho psíquico em Freud. Apesar da teoria do sonho estar pouco desenvolvida nesta primeira esquematização, algumas das hipóteses fundamentais, que pretendem explicar o funcionamento do aparelho psíquico já estão aí formalizadas. Esta primeira topografia contém o núcleo das hipóteses fundamentais psicanalíticas de Freud, hipóteses estas que nortearão toda sua obra teórica.

Freud mantém neste primeiro esquema, como marco diferencial para a estruturação dos vários sistemas topográficos do aparelho psíquico, um critério desenvolvimentista. Dentro deste critério uma organização atual pode ser melhor entendida se pudermos compreender as fases evolutivas anteriores.

A primeira formulação topográfica proposta por Freud em

1895 no "Proyecto de una Psicologia para Neurólogos",<sup>33</sup> refere-se a um sistema nervoso hipotético composto de várias estruturas.

A primeira e mais elementar estrutura é o sistema neurônico Phi. Este sistema é composto de neurônios interligados que obedecem ao "Princípio da Inércia", ou seja visam manter-se num nível de tensão igual a zero.

O sistema neurônico Phi recebe estímulos exógenos, não tendo uma estruturação capaz de conservar energia de modo que suas vias de condução captam o estímulo exógeno e o conduzem ou para seu ponto terminal, as placas motoras, ou para os sistemas de organização mais complexa. Há neste sistema simplesmente uma "corrente" energética.

Deste sistema Freud passa para o sistema neurônico Psi-nuclear, este já capaz de armazenar catexia. Introduce novas estruturas, as "barreiras de contato", responsáveis pela capacidade do organismo de armazenar energia. Filogeneticamente, tais estruturas são necessárias para manipularem os estímulos endógenos, que só são dominados com uma "ação específica", que por sua vez, requer mais energia do que a que o sistema nervoso disporia, se ficasse na dependência da energia que recebe num determinado momento. Este sistema visa manter o organismo num nível de estabilidade energética, obedecendo ao "princípio da constância". A tensão de necessidades provoca um aumento no nível de energia e cria a urgência, ou seja, a força que visa descarregar pelas vias motoras toda energia que ultrapassa o nível da constância. Esta tendência à descarga fica caracterizada como a tendência mais global, mais primária do aparelho psíquico.

Devemos observar que as duas estruturas, sistema neurônico Phi e sistema neurônico Psi-nuclear, estão aquém do aparelho psíquico, não se referindo portanto à vida psicológica

gica. A introdução do sistema Psi-pallium, organização mais complexa, remete-nos à vida psicológica propriamente dita. Este sistema fica caracterizado pela capacidade de memória, associação, aprendizagem, desejo, repulsa. O sistema Psi-pallium é capaz de modificar seu curso a partir de experiências passadas. A memória fica representada pelas diferenças de facilitações entre os neurônios. A facilitação fica na dependência da quantidade de energia que passa num neurônio. Há duas situações que deixam atrás de si facilitações permanentes: a vivência de satisfação e a vivência de dor.

A vivência de satisfação se estabelece quando há uma tensão criada pelo estímulo endógeno que leva o organismo além do nível da constância. Esta tensão traz consigo a urgência, primeira força do sistema nervoso hipotético que incide no sistema Psi-nuclear. Tal sistema visa então descarregá-la através da motilidade. A primeira via percorrida é a que conduz a "expressão de emoções", mas esta descarga não consegue fazer com que o organismo restabeleça seu nível constante, pois os estímulos endógenos continuam incidindo sobre Psi, elevando o nível energético. Para que o nível volte a seu estado anterior é necessário uma "ação específica", que proporcionará a satisfação da necessidade. A princípio o bebê é incapaz de modificar a realidade externa, mas através da assistência do outro, portador do objecto de satisfação, o bebê dispõe de dispositivos internos que permitem a utilização do objecto, de forma a eliminar o estímulo proveniente do soma, conseguindo restabelecer o nível constante.

Este processo representa a vivência de satisfação. Ocorre então nesta vivência, a facilitação entre a memória do objecto de satisfação, a imagem do "reflexo adequado" e a imagem tensional levada de Psi-nuclear a Psi-pallium. Quando a imagem tensional for novamente **despertada** em Psi-pallium por Psi-nuclear, as catexias fluirão para a imagem

do objeto de satisfação e para a imagem do movimento reflexo.

Freud observa que a vivência de satisfação deixa como resíduo, em Psi-pallium, a atração desejosa primária, ou seja, a tendência a levar toda a energia para o objeto de satisfação (percebido quando houve a descarga de energia na vivência de satisfação).

A vivência de dor se instala quando falhamos dispositivos teloneuronais do sistema Phi que só permitem a entrada de uma pequena quantidade de energia em Psi. Irrompe no sistema Psi uma quantidade de energia externa, que provoca um aumento no nível de catexias, bem acima do nível da constância. Entram em funcionamento os "neurônios secretores", estruturas que segundo Freud existem no organismo, e que ao invés de conduzirem a uma descarga energética através da motilidade, são responsáveis pela produção de energia que é levada a Psi-pallium e o nível de catexias permanece alto. Começa a funcionar a defesa primária, que consiste na decatetização da memória do objeto hostil, impedindo a atuação dos neurônios secretores e proporcionando a volta ao nível da constância. Cria-se pois, uma facilitação entre esses três processos - memória do objeto hostil - atuação dos neurônios secretores - defesa primária.

Quando por algum motivo a imagem do objeto hostil for recatetizada haverá um novo aumento do nível de catexias que irá além do nível da constância, devido à atuação dos neurônios secretores. O reaparecimento do estado de dor constitui o estado do afeto. A reprodução da situação original (por exemplo, o estado afetivo) conduz igualmente à defesa primária, ou seja, a decatetização da memória do objeto hostil. Freud assinala que a vivência de dor deixa como resíduo a tendência à defesa primária.

Verificamos então pela descrição das duas vivências, a



introdução de duas forças psicológicas: - o desejo e a tendência à defesa -, conceitos que já envolvem relações com objetos, o desejo com o objeto de satisfação e a tendência à defesa com objeto hostil. Portanto os dois constructos dinâmicos são próprios do sistema Psi-pallium e inteiramente diferentes da urgência, que visa uma descarga não envolvendo relações com objetos.

No sistema Psi-pallium as catexias correm livremente, sem inibições, de acordo com as facilitações. Quando surge a imagem tensional levada de Psi-nuclear a Psi-pallium, há uma catetização do objeto que trouxe satisfação até a sua reprodução alucinatória, e conseqüentemente começa o processo de descarga sem obtenção da satisfação, já que o objeto só existe na fantasia, restabelecendo-se a tensão em Psi-pallium.

Por outro lado, caso seja recatetizado a memória do objeto hostil, o aparelho necessitaria de um indício que impedisse o desencadeamento de um intenso desprazer e portanto uma defesa primária além da necessária que é mobilizada pela simples memória do objeto hostil.

O processo descrito constitui o processo psíquico primário característico de Psi-pallium. Para que o organismo possa atender às necessidades da vida é necessário um sistema mais desenvolvido que leve em conta a realidade inibindo o investimento das catexias.

Com esta estrutura o aparelho psíquico só teria condições de desejar objetos que provocaram satisfação e de bloquear as primeiras vivências de dor, não dispondo de condições estruturais para adaptar-se às múltiplas e complexas situações proporcionadas pelo meio ambiente. Introduce então o sistema mais organizado, o "Psi-pallium-inibido-pelo-ego".

O ego constitui-se de um complexo de neurônios que man

têm um nível constante de catexias.<sup>1</sup> Este armazenamento energético proporciona o funcionamento das "catexias laterais" que inibem o deslocamento livre das catexias pelos neurônios. O ego se estrutura como aquisição biológica em virtude da "ameaça do desprazer" (pág. 953), "Proyecto de una Psicología para Neurólogos" - Parte III, provocada pela falta de estruturação inibitória do sistema Psi-pallium.

A inibição proporcionada pela nova estrutura impede que as catexias corram livremente até provocar a alucinação do objeto. Quando o aparelho tem que interromper o aumento do nível de catexias, proveniente do soma, busca a identidade de pensamento do objeto de satisfação e adia a descarga até que o objeto seja percebido na realidade. Por outro lado, caso haja a recatetização da memória do objeto hostil há uma inibição na direção dos neurônios secretores evitando um excesso de desprazer e uma inibição dos reflexos de fuga frente à simples memória do objeto hostil.

O processo descrito acima é o processo psíquico secundário característico do aparelho psíquico com sua nova estrutura, o ego. Neste estágio de desenvolvimento, o aparelho se caracteriza por forças bem complexas, que levando em conta a realidade, podem promover uma melhor adaptação do organismo ao meio.

## CAPÍTULO 2

### PRIMEIRA ESQUEMATIZAÇÃO DO PROCESSO ONÍRICO

Apresentaremos aqui o resumo da primeira tentativa de sistematização do processo onírico, esboçada na primeira parte do livro "Proyecto de una Psicología para Neurólogos".<sup>33</sup> Neste texto Freud hipotetiza que, para que se esta beleça o sono é necessário uma ausência do estado de urgência. Não há uma carga endógena incidindo sobre o núcleo de Psi, o que exigiria um trabalho específico do ego. Na vigília, a reserva energética se encontra no ego. No sono verifica-se uma descarga parcial, ou seja, o ego fica parcialmente decajetizado, conseqüentemente sua função inibitória diminui consideravelmente, proporcionando o aparecimento de processos psíquicos primários, resíduos de uma fase anterior do desenvolvimento.

No sonho, tanto os pólos da motilidade como o da percepção se encontram fechados. O sistema Phi fica decajetizado não havendo uma descarga de Psi às placas motoras como

na vida em vigília.

O processo onírico contém processos psíquicos semelhantes ao da vida em vigília mas existem características muito específicas do sonho. Nesta primeira tentativa de sistematização Freud determina algumas das características fundamentais do sonho.

1 - As idéias oníricas aparecem sob a forma de imagens sensoriais, sendo passíveis de serem conscientizadas e vividas como verdadeiras. A característica mais importante do sonho fica referida ao processo ser de caráter alucinatório. Tal caráter pode ser compreendido por:

- a) Retrogressão -- Já que como foi visto a corrente de Phi à motilidade está fechada, poderia haver uma catetização retroativa ou seja de Psi a Phi.
- b) Regressão formal -- O aparelho se veria funcionando sob o domínio do processo psíquico primário devido à parcial decatetização do ego.

2 - Os sonhos são sempre realizações de desejos, ou seja, "processos primários que seguem experiências de satisfação" (pág. 930 - "Proyecto de una Psicología para Neurologos" - Analisis de los sueños<sup>33</sup>), pelo menos nos indivíduos normais. Aborda o aspecto defensivo afirmando que o significado da realização de desejos se **acha encoberto** por uma série de processos psíquicos, todos encontráveis nas neuroses.

3 - Introduce o processo de deslocamento como característico do sonho. Uma determinada idéia A é descarregada, transferindo suas catexias a uma outra idéia B, esta já passível de ser conscientizada.

4 - Observa que as idéias oníricas mantêm entre si co-

nexões absurdas e contraditórias, mas raramente não guardam entre si um sentido. Também no sonho, se observa o fenômeno da compulsão associativa, ou seja, as catexias tem que entrar em conexão.

5 - Denota a precária memória no sonho e observa quanto o sonho não produz modificações no psiquismo. Isto se dá porque nos sonhos **seguimos as facilitações antigas e dado ao fechamento do pólo da motilidade não há produção de descargas**, não havendo prejuízo para o sistema como o que verificamos na presença de processos psíquicos primários com descargas.

#### Considerações sobre a primeira esquematização do processo onírico na teoria psicanalítica

Observamos que nesta primeira tentativa de caracterização do sonho, Freud faz mais uma descrição do que propriamente uma explicação. Entretanto já, nesta primeira abordagem, lança hipóteses que permanecerão fundamentais para a compreensão do processo onírico.

De acordo com a hipótese de Freud o sistema Psi-pallium surge como a primeira estrutura do aparelho psíquico, com forças psicológicas irreduzíveis a qualquer modelo físico. O desejo e a defesa são portanto, constructos psicológicos e da relação entre esses dois conceitos origina-se a teoria do conflito.

Sabemos que o processo característico deste sistema é o processo psíquico primário. O desejo, força resultante da experiência de satisfação, fica referido à tendência a reinvestirmos plenamente o objeto de satisfação, e a defesa primária, equivale à decatetização da memória do objeto hostil, resíduo da experiência de dor. O sonho segundo a hipótese freudiana, tem como função principal, a realiza-

ção de desejos e constitui-se de "processos primários que seguem a experiências de satisfaccion".<sup>33</sup> Dentro desta formulação, o sonho ficaria reduzido à simples alucinação do objeto satisfatório e se revelaria de forma clara e limpa. Por outro lado, Freud afirma que esta realização de desejos se encontra escondida sob uma série de processos psíquicos. Tais processos, sempre presentes no sonho, constituem justamente o pólo defensivo. A proposição do processo onírico envolve processos mais complexos que o processo psíquico primário. A própria conceituação da defesa primária torna-se insuficiente, a medida que se evidencia no processo onírico mecanismos defensivos mais aprimorados que o relativo ao processo psíquico primário. O sonho que efetivamente envolve mecanismos defensivos bem elaborados, exclui qualquer possibilidade de identificação de processo onírico com processo psíquico primário. /

Na estruturação de seu aparelho psíquico hipotético, a introdução do sistema "Psi-pallium-inibido-pelo-ego", tem como função mais relevante a inibição dos processos psíquicos primários, que se permanecessem exclusivos impossibilitariam uma adaptação à vida. Freud ao estudar o estabelecimento do sono, na primeira parte do "Proyecto",<sup>33</sup> aponta que o ego fica parcialmente decaetetizado, e se esta decaetetização proporciona por um lado o reaparecimento de processos psíquicos primários, impede por outro lado que esses processos se manifestem como quando só havia as estruturas Psi-pallium, Psi-nuclear e sistema Phi. O ego está parcialmente decaetetizado, portanto estamos diante de uma estrutura menos inibitória do que na vida em vigília, mas esta estrutura está em ação impedindo o aparecimento de processos psíquicos primários "puros". Portanto, em referência ao processo onírico podemos afirmar que o sonho é um processo psíquico mais primário que o processo psíquico que rege nossa vida em vigília.

O paralelo mantido ao longo de toda a obra teórica de

Freud, entre o sonho e a neurose, evidencia a conceituação do sonho como uma "formação de compromisso" entre o desejo e a defesa, ou seja, realiza o desejo parcialmente atendendo às defesas necessárias, que caso fossem negligenciadas causariam desprazer.

O "princípio do prazer", quando formulado como equivalente ao princípio regulador dos processos psíquicos primários - prazer quando há o encontro perceptual com o objeto de satisfação e/ou quando a defesa é bem sucedida, e desprazer quando há a tensão do desejo e da defesa, - é um instrumento valioso para compreendermos a perspectiva freudiana do processo onírico.

A realização do desejo, fica justamente nesta referência, ou seja, o sonho que Freud conceitua como realizando desejos está muito mais em função do "princípio do prazer" do que relativo apenas ao desejo, pelo menos se nos atermos à própria definição de Freud feita no "Proyecto de una Psicología para Neurólogos"<sup>33</sup> e retomada integralmente no seu livro "La Interpretacion de los Sueños".<sup>3</sup> O equívoco fica referido ao tratamento equivalente que Freud dá a prazer e desejo. Embora os conceitos sejam essencialmente diferentes, o equacionamento destas duas formulações implica em confusões teóricas que se evidenciam principalmente nas tentativas psicanalíticas de explicação dos sonhos de angústia.

A afirmação de Freud que os desejos se encontram camuflados por processos psíquicos característicos das psiconeuroses, implica necessariamente na inclusão sistemática da defesa. Consideraríamos, portanto, que sonho satisfaz desejo e defesa, e é quando realiza a harmonia **entre** os dois pólos que respeita o princípio do prazer.

## CAPÍTULO 3

### PRINCÍPIO DO PRAZER – PRINCÍPIO DA REALIDADE

Neste capítulo tentaremos clarificar a hipótese freudiana do princípio do prazer, utilizada de maneira equívoca e em mais de um sentido ao longo da teoria psicanalítica de Freud.

O princípio do prazer foi estabelecido como equivalente ao princípio da constância, no "Proyecto de una Psicología para Neurólogos".<sup>33</sup> O princípio da constância, regulador do sistema Psi-nuclear, evolui do princípio da inércia, regulador do sistema Phi, dado à necessidade de uma estrutura mais desenvolvida, que tivesse condições estruturais de armazenar energia para dar conta dos estímulos endógenos. O sistema, portanto, não estará mais num nível tensional zero – princípio da inércia – mas guardará um nível tensional mínimo, não especificado, ou seja, um nível de intensidade constante.



Freud estabelece no mesmo "Proyecto de una Psicología para Neurólogos",<sup>33</sup> a tendência da vida psíquica para evitar o desprazer e buscar o prazer. Identifica o aumento do nível de catexias além do nível constante como desprazer e o prazer corresponderia a descarga, que proporcionaria a volta ao nível de tensão anterior. Evidencia-se assim a equivalência hipotética do princípio do prazer com o princípio da constância.<sup>2</sup>

Esta proposição do princípio do prazer constitui uma das versões do Ponto de Vista Econômico da Metapsicologia Freudiana.

Esta concepção é retomada nos textos de o "Los Instintos y sus Destinos"<sup>14</sup> e "Mas Alla del Principio del Placer",<sup>19</sup> e refere-se a uma teoria da estabilidade do sistema que, a cada vez que sofre uma perturbação, visa compensá-la através da descarga. Esta formulação fica referida a uma conceituação termodinâmica, que como vimos anteriormente evolui do princípio da inércia, por razões adaptativas.

O princípio do prazer dentro desta perspectiva não envolve conceitos psicológicos propriamente ditos.

Por outro lado, também no "Proyecto de una Psicología para Neurólogos",<sup>33</sup> Freud lança as bases de outra formulação para o Princípio do Prazer. Ao introduzir o sistema Psi pallium, Freud define os conceitos do desejo e defesa primária, a partir das experiências de satisfação e de dor. A associação do princípio do prazer se faz em termos de que a satisfação do desejo fica relacionada com a busca do prazer, e a defesa primária, ou seja, a de-catetização da memória do objeto hostil, fica associado à evitação do desprazer.<sup>2</sup>

Entretanto, nesta segunda conceituação, não estamos mais

defronte de uma acepção termodinâmica,mas estamos nos referindo a uma teoria psicológica de relações objetais.

Nesta segunda perspectiva, o princípio do prazer é uma conceituação de linguagem psicológica, irreduzível a qualquer modelo termodinâmico.

O sistema Psi-pallium, sede dos processos psíquicos primários, é regido pelo princípio do prazer. É neste sentido que o princípio do prazer se opõe ao "princípio da realidade". Esta segunda concepção é retomada em "La Interpretación de los Sueños"<sup>3</sup> e é desenvolvida integralmente no texto "Los dos Principios del Suceso Psíquico".<sup>8</sup> Freud observa neste último texto, que os processos psíquicos primários, resíduos de uma fase evolutiva onde só existia este tipo de funcionamento, obedecem à regulação do princípio do prazer. "Nuestros sueños nocturnos y nuestra tendencia general a sustrear-nos a las impresiones penosas son residuos del regimen de este principio y pruebas de su poder". (pág. 403 - Los dos Principios del Suceso Psíquico).<sup>8</sup>

Entretanto, devido a necessidades adaptativas, o aparelho teve que evoluir em sua estruturação e o princípio do prazer foi suplantado pelo princípio da realidade. Como foi visto no primeiro capítulo, a alucinação do objeto desejado, não satisfazia à necessidade, e o aparelho psíquico sofreu uma complexificação, a fim de atender às necessidades reais impostas pela vida.

As exigências criadas, dado à necessidade da consideração da realidade externa, provocaram modificações no aparelho, que antes funcionava exclusivamente sob o domínio do princípio do prazer. A defesa primária, que pela simples evocação do objeto hostil era posta em funcionamento, ficou substituída pelo discernimento, que possibilita a diferenciação entre a memória e a presença real do objeto hostil. Isto implica no aproveitamento da experiência de dor, dentro do nosso arsenal de memória, possibilitando a previsi-

bilidade no aparelho psíquico o que favorece uma resposta adaptativa.

A descarga motora, antes acionada pela alucinação do objeto é adiada e a ação de modificação no mundo externo é feita quando da presença real do objeto. Este processo é garantido devido à ação do pensamento.

Freud afirma, que o princípio da realidade não implica num abandono do princípio do prazer. "Se renuncia a un placer momentáneo de consecuencias inseguras pero tan sólo para alcanzar por el nuevo camino un placer ulterior y seguro". (Pág. 405 - "Los dos Principios del Suceser Psíquico")<sup>8</sup>

Pela argumentação freudiana, o princípio da realidade começa a se instalar justamente dada à presença da consideração das necessidades. Portanto, a hipótese deste princípio se refere à consideração da última estrutura - Psi-pallium-inibido-pelo-ego - de todos os níveis do aparelho psíquico. O Psi-pallium-inibido-pelo-ego, que tem como princípio regulador, o princípio da realidade, leva em conta a tensão de necessidade (Psi-nuclear) e tenta conciliar o desejo (Psi-pallium) com a força-urgência do sistema mais inferior (Psi-nuclear). O Psi-pallium-inibido-pelo-ego realiza portanto a síntese, respeitando toda a montagem do aparelho psíquico proposta por Freud.

Vimos que é dentro de uma perspectiva inteiramente diversa que a busca da identidade perceptual do objeto e a solução dada pela defesa primária ficam como concomitantes do prazer, e a tensão do desejo e a tensão da repulsa ficam equacionados ao desprazer. Esta formulação está muito distante da do princípio do prazer, como equivalente ao princípio da constância, e proporíamos, para evitar os equívocos que surgem constantemente na teoria psicanalítica, o conceito de princípio do prazer II quando nos referimos ao princípio regulador dos processos psíquicos primários, prin

cípio este que se opõe ao princípio da realidade.

É o princípio do prazer II que caracteriza o processo do sistema Psi-pallium, posteriormente, do sistema Inconsciente, e na última topografia de Freud, do Id. O processo onírico obedece a esta linguagem psicológica, a linguagem do desejo.

A SEGUNDA TOPOGRAFIA DO APARELHO PSÍQUICO E A TEORIA ONÍRICA

Em 1900, no seu importantíssimo livro "La Interpretacion de los Suños",<sup>3</sup> Freud formula a teoria explicativa do processo onírico e hipotetiza a segunda topografia do aparelho psíquico. O estudo da vida onírica e das neuroses transferenciais permitiu o conhecimento sistemático da estrutura Inconsciente e a conseqüente elaboração do segundo modelo hipotético, cujo pólo central fica referido à "acessibilidade a consciência", diferentemente da primeira topografia (1895) onde as estruturas eram construídas em torno da cronologia evolutiva.<sup>3, 15</sup>

Nesta segunda proposição Freud mantém sua postura epifenomenista: Os fenômenos psicológicos são produtos de um aparelho materialmente composto. Abandona a terminologia neurofisiológica utilizada no "Projeto",<sup>33</sup> que entretanto não constitui uma ruptura com as premissas colocadas na primeira topografia. Há uma continuidade que se manifesta nas

hipóteses teóricas fundamentais do pensamento freudiano.

Hipotetiza os sistemas Inconsciente (Inc) e Preconsciente (Prec-Cc), estruturas com leis de funcionamento próprias. O sistema Prec. está separado do Inc. pela Censura, sendo o Prec. o que dirige o acesso à motilidade e à consciência.

O Inc., sistema que se comunica com o soma, é o círculo mais amplo do aparelho psíquico, nele estando inscrito o sistema Prec. (Cc), hierarquicamente superior. O acesso às manifestações inconscientes é possível dado ao fenômeno da regressão. O sistema Prec., superior e posterior no desenvolvimento sofre uma transformação regressiva que possibilita o aparecimento de processos psíquicos primários e conseqüentemente de produtos do sistema Inc. Tais processos se evidenciam principalmente nos sonhos e nas neuroses.

Pertencem ao sistema Inc. os conteúdos que resistem a passagem à consciência. Todo ato psíquico antes de se tornar consciente foi necessariamente inconsciente. Se a censura ao examiná-lo, negar-lhe acesso à consciência, ficará reprimido e tornar-se-á conteúdo do sistema Inc., caso contrário, fará parte do arsenal do Prec.<sup>15</sup>

Os representantes ideativos das pulsões, conteúdos do Inc, coexistem entre si, sem reinar entre eles a lógica do pensamento consciente, o que nos remete ao princípio do prazer II. Verifica-se uma desconsideração absoluta da realidade. O sistema Inc., que fica equivalente ao sistema Psipallium da primeira topografia, tem como funcionamento característico, o processo psíquico primário, que se refere, por um lado a busca alucinatória do objeto desejado e por outro ao bloqueio da memória hostil (defesa primária).

No estudo do sistema Inc. Freud formulou a hipótese de dois mecanismos tipicamente primários: o deslocamento e a

condensação. O primeiro consiste na transferência da intensidade psíquica de uma determinada idéia A, para uma representação substitutiva, que ficaria portanto duplamente investida, e o segundo refere-se à transferência de intensidade psíquica de várias representações para uma única idéia, que concentraria uma alta intensidade, podendo representar uma extensa cadeia associativa. A condensação implica portanto em vários deslocamentos com fixação de uma representação. Esses dois processos constituem basicamente a linguagem dos sonhos e das neuroses, fazendo-se entretanto necessário uma diferenciação negligenciada por Freud. O deslocamento de catexias é um processo necessário para qualquer atividade psíquica. Não se pode restringir deslocamento a processo psíquico primário e portanto a qualidade exclusiva do sistema Inc. Freud no "Projeto"<sup>33</sup> observa que sem o deslocamento de energia psíquica seria impossível o processo do pensamento. O conceito de deslocamento refere-se à mobilidade das catexias implícita à atividade do aparelho psíquico. No curso associativo, as catexias correm de uma representação a outra, segundo uma ordenação sequencial necessária ao fim buscado. Conceituaríamos este processo como deslocamento secundário no sentido de característico de processo secundário e reservaríamos a designação de deslocamento primário ao processo de mobilidade de catexias que desconsidera a ordenação sequencial das representações na procura do objeto de satisfação. No processo onírico, esta negligência pode se referir a uma necessidade defensiva, a medida que, ao curso associativo pode estar enlaçada uma representação hostil, estabelecendo-se o deslocamento lateral que permite a neutralização do efeito proveniente da ativação da memória indesejada. Por outro lado, a desconsideração da ordem associativa pode se dar simplesmente devido à prevalência dos processos psíquicos primários no sonho, que é obtida graças à regressão que ocorre no processo onírico, que sob este efeito manifesta uma linguagem constituída de deslocamentos e condensações.

Freud destaca que o sistema Prec, é formado por conteúdo

dos que não sofrem oposição para entrar na consciência. Podem não estar presentes à consciência em determinado momento mas são acessíveis a ela. Neste sistema ocorrem processos psíquicos secundários, havendo portanto um investimento estável nas representações. O sistema funciona sob o domínio do princípio da realidade e tem como função primordial inibir o processo primário, característico da estrutura Inc. Busca a "identidade de pensamento" do objeto de satisfação e adia a descarga até encontrá-lo na realidade externa. Através de suas próprias cargas coibe a derivação imposta pelo sistema Inc., que visa liberar as quantidades de excitação, e transforma-as em carga psíquica em repouso. Após ter efetuado seu exame feito através da Censura, suprime sua barragem e deixa fluir as excitações até a motilidade no momento adequado.

Freud revela-se ambíguo na separação dos sistemas. Refere-se algumas vezes ao sistema "Prec. Cc." como única estrutura e outras vezes o sistema "Percepção-Consciência" é abordado como uma estrutura separada do sistema "Prec".<sup>3,34</sup> Em 1915, "Adición Metapsicologica a la Teoria de los Siēnos",<sup>18</sup> Freud separa os sistemas Prec. e P-Cc. definitivamente, estabelecendo que cabe ao sistema P-Cc. o "exame da realidade".

O estudo das relações entre os sistema Inc. e o sistema Prec(Cc.) tornou possível a explicação do processo onírico de forma sistematizada.

### A Teoria Onírica

O princípio de determinação, adotado por Freud, com a consequente implicação de que os fenômenos psíquicos teriam sempre nexos causais e leis reguladoras destes nexos, levou-o a abordar o fenômeno onírico como um processo significativo, coeso, refutando portanto a ciência da época que



proporia o sonho como um fenômeno destituído de qualquer significado, incoerente e incompreensível.

Utilizando a psicanálise como 'método' investigativo, Freud se coloca diante do problema do sonho como havia se posto na confrontação com as psiconeuroses. Fenômenos aparentemente incompreensíveis, adquiriam nexos causais ao lançarmos mãos da hipótese do inconsciente, instrumento conceitual que permitiu preencher muitos dos vazios lógicos, que permaneciam antes da formulação da pedra angular da teoria psicanalítica.

O que não era compreensível através da lógica da consciência era visto como destituído de significado. Com o estabelecimento do conceito inconsciente abriu-se uma nova perspectiva para o entendimento das motivações.

Através da utilização do método da associação livre, em seus próprios sonhos, Freud chega invariavelmente a partir de cada elemento de seu sonho a representações significativas e investidas de afeto, absolutamente integradas a vida psicológica, constatando portanto, toda uma continuidade entre a vida diurna e o sonho. "El sueño estaba desprovido de todo afecto, y era incoerente e incomprendible, em cambio, mientras que desarrollo los pensamientos tras de el ocultos, voy experimentando intensos e fundados movimientos afectivos, y los pensamientos mismos van formando, con admirable docilidad, cadenas lógicamente eslaboradas, en las cuales se repiten como centrales determinadas representaciones" (pág. 234 - Los Sueños).<sup>17</sup>

A defasagem observada entre a forma que o sonho se apresentava à consciência e as idéias suscitadas após o emprego do método da associação livre levaram à conceituação de dois conteúdos: o manifesto e o latente. Ao conteúdo manifesto correspondia o sonho tal e qual era evocado por nós, e o conteúdo latente referia-se à série de representações,

que estavam invariavelmente presentes na formação onírica, idéias significativas e compreensíveis.<sup>3,4,10,31</sup>

Entre esses dois conteúdos situar-se-ia a elaboração onírica, responsável pela transformação do conteúdo latente do sonho numa fantasia, que resultaria no conteúdo manifesto.

Freud distingue três categorias de sonho que se diferenciam por sua complexidade crescente:

1) - Os sonhos formalmente lógicos e compreensíveis. Nestes sonhos efetua-se uma realização de desejos facilmente reconhecível e enlaçada a uma frustração da véspera. Nesta categoria verifica-se uma quase-equivalência entre o conteúdo latente e o manifesto, que mantém necessariamente entre si uma distância referida à linguagem imagética, resultado da elaboração onírica.

2) - Sonhos formalmente lógicos, coerentes, mas que aparentemente não teriam significado para a vida psicológica do indivíduo, que numa apuração superficial concorreriam para uma interpretação favorável à descontinuidade entre a vida em vigília e o fenômeno onírico.

3) - Sonhos absurdos e incoerentes formalmente, com aparência do sem significado, do incompreensível.

Esta última classe constitui a imensa maioria de nossos sonhos.

A principal característica da linguagem onírica revela-se na constituição do processo em imagens visuais. Sabemos que os sonhos se dão em termos de representações plásticas, com exceção de poucos casos contrários. Sob estas transformações visuais, esconde-se o conteúdo latente que é formado por quatro elementos: restos diurnos, impressões notur-

nas, desejo e a censura (defesa).

1) - Restos Diurnos

Vários autores observaram a presença de elementos relacionados a ocorrências de nossa vida diurna, principalmente derivadas de dias logo anteriores ao sonho, surgindo a constatação de que na maior parte das vezes, estes acontecimentos eram de caráter irrelevante. Partindo da premissa, que do indiferente chegar-se-ia ao significativo, uma vez que através do método analítico éramos sempre remetidos às representações importantes da vida psicológica, Freud coloca os restos diurnos como elementos que também sofrem transformações na ordem do universo do onírico. Os restos diurnos portanto são traduzidos para a linguagem de processo psíquico primário, o que implica que, sob a aparência ingênua de simples acontecimentos da véspera, estaria associado toda uma outra significação, que fica referida à ligação dos restos diurnos, com o desejo, função propulsora do sonho. 3,6,10,22

A escolha do indiferente, do aparentemente insignificante como conteúdo do sonho, fica a serviço da censura (defesa), processo presente na maioria dos nossos sonhos, que impõe deformações, a fim de que o desejo possa ser expresso.

Engloba-se dentro da categoria de restos diurnos, preocupações, desejos recentes, material do sistema Prec, que sob o prisma de nossa consciência são considerados relevantes. O desejo inconsciente se apodera de algo recente para poder expressar-se, uma vez que é incapaz de chegar ao Pc sem este auxílio. Portanto, além do fator censura há uma necessidade de transferência manifestada pela relação desejo - restos diurnos. O recente e o indiferente ficam a serviço desta premência, uma vez que o indiferente não se anexa a amplas cadeias associativas e o recente ainda não pode se enlaçar. Aquelas idéias que fazem parte de

tais cadeias não possibilitariam o trabalho de transferência. O sonho portanto é produto da colaboração dos dois sistemas Prec. e Inc.

## 2) - Impressões e Sensações Noturnas

É dentro da mesma condição de elementos auxiliares para a expressão do desejo inconsciente que Freud insere os estímulos somáticos e as impressões sensoriais surgidas durante o sono.<sup>3,17,30</sup>

Sabemos que ao tentarmos conciliar o sono, fechamos os olhos que são os elementos que mais nos mantem sensorialmente ligados ao meio, assim como procuramos neutralizar a atuação dos nossos outros órgãos sensoriais. Entretanto esta supressão não é jamais atingida uma vez que, muitas vezes somos acordados por estímulos externos, o que evidencia que embora haja uma diminuição de excitabilidade, há sempre uma ligação sensorial com o meio, assim como uma sensibilidade aos fenômenos somáticos. A esta constatação seguiu-se uma série de tentativas de explicar o fenômeno onírico como o resultado da transformação ilusional destas sensações e reduzir o sonho a uma incapacidade de percepção objetiva. As representações plásticas encontrariam seus correlatos nos estímulos externos ou nas sensações somáticas.

Freud confirma a transformação ilusional dos estímulos externos e das sensações somáticas e amplia a interpretação destes fenômenos, englobando-os dentro de sua perspectiva do processo onírico. Os fenômenos mencionados participam na elaboração onírica como pontes transferenciais para o desejo. "...los estímulos sobrevenidos durante el reposo son objeto de una elaboracion que los convierte en una realizacion de deseos, cuyos restantes elementos se hallan constituídos por los restos diurnos..." (Pág. 370 - Los Sueños - Material y Fuentes de los Sueños).<sup>17</sup> Portanto, além dos restos diurnos os fenômenos somáticos e estímulos sen-

soriais externos ficam à disponibilidade do desejo inconsciente para a confecção da fantasia onírica. Observa ainda, que a inclusão de tais fenômenos no sonho é uma forma de não interrompermos o repouso sendo o processo onírico considerado como aliado do sono.

### 3) - Desejo

Como força propulsora do sonho, aparece o desejo, pertencente ao sistema Inc. Observamos que a fantasia onírica é produto de inter-relação dos sistemas Prec. e Inc., sendo que o mais arcaico fornece a propulsão motivadora do sonho - desejo - e o sistema Prec. propicia elementos necessários à fantasia realizadora. <sup>3,6,10,21,22</sup>

Segundo Freud, o desejo, conteúdo do sistema Prec. reconhecido e insatisfeito, só é passível de ser causa de sonho nas crianças onde não há ainda uma separação entre as estruturas Inc-Prec. Nos adultos, o desejo preconsciente é equacionado aos restos diurnos. Dado ao domínio progressivo do processo psíquico secundário sob nossa atividade, verifica-se uma maior capacidade de inibição, o que impediria o desenvolvimento de um desejo Prec. de forma tão intensa a ponto de motivar sonhos. Os desejos que conservam forte energia são os reprimidos, que fazem parte do domínio do Inc e estão sob efeito do processo psíquico primário.

Desejos motivadores de sonhos referem-se àqueles que surgem durante o dia, chegam ao sistema Prec. mas retrocedem ao Inc. dado à repressão, ou senão consistem em conteúdos desejosos incapazes de emergir do sistema Inc. a não ser quando da instalação do sono, e a conseqüente diminuição da censura, muito mais energética na vida em vigília.

Além da justificação empírica, para a formulação de que sonho é realização de desejos, proporcionada pela aplicação do método da associação livre em seus próprios sonhos,

como em de seus pacientes, Freud nos remete a sua estruturação do aparelho psíquico para dar conta desta premissa. Sob efeito da regressão, o processo onírico evidencia prevalentemente processos psíquicos primários característicos do sistema Inc. que buscam a identificação perceptual da experiência de satisfação - encontro alucinatório com o objeto desejado. Freud afirma que mesmo sob o efeito do processo psíquico secundário, o aparelho psíquico só é mobilizado a fim de conseguir realizar desejos. "Pero toda la complicada actividad mental que se desarrolla desde la huella mnémica hasta la creacion de la identidad de percepcion por el mundo exterior, no representa sino un rodeo que la experiencia ha demostrado necesario para llegar a la realizacion de deseos". (pág. 556 - La Realización de Deseos - Interpretacion de los Sueños).<sup>3</sup> Conclui-se, portanto, seguindo o pensamento de Freud, que durante o sonho procuramos realizar o desejo primariamente e na vida em vigília secundariamente.

4) - Censura -- um dos mecanismos responsáveis pela de formação onírica.

Freud observou que o desejo realizado no sonho, estava encoberto sob uma série de processos defensivos necessários a medida que o desejo, conteúdo do sistema Inc., refere-se a uma representação reprimida que caso irrompesse claramente, causaria intenso desprazer, provocando consequentemente o despertar. Verificamos ao dormirmos uma diminuição da atuação defensiva, permitindo a emergência de conteúdos que tiveram seu acesso negado à consciência quando da atuação mais enérgica da censura na vida em vigília, continuando entretanto o processo deformador censurante a atuar nos sonhos.<sup>3,4,5,23,27,30,31</sup>

Como foi visto, os sonhos, que são formalmente ilógicos e aparentemente incompreensíveis para a continuidade de nossa vida psicológica, são os que constituem a imensa maioria presente na vida adulta, e neles se destaca o papel

da censura que anuncia a repressão, processo revelador do conteúdo do sistema Inc.

A afirmação de Freud de que o sonho é uma realização de desejos, "procesos primarios que siguen as experiencias de satisfaccion" (Pág. 930 - "Proyecto de una Psicologia para Neurólogos")<sup>33</sup> é substituída pela seguinte constatação: "El sueño es la realizacion (disfrazada) de un deseo reprimido" (pág. 337 - La Deformacion Onírica - La Interpretacion de los Sueños).<sup>3</sup> Esta mudança implica numa referência à defesa. Para Freud, o sonho só pode realizar desejos, na medida que satisfaça as exigências defensivas. Acrescentamos que o sonho é uma realização parcial do desejo, uma vez que o encontro alucinatorio com o objeto de satisfação, só é feito através da formação de "compromisso".

Verificamos que a Censura (defesa), tanto quanto o desejo entra na composição do processo onírico, como elemento indispensável à confecção do sonho, o que nos remete à colocação dos conceitos defesa e desejo como pares antitéticos que se entrelaçam, se interpõem na elaboração onírica e as exigências se fazem em termos da satisfação do desejo e da defesa.

A Censura como vimos é tratada na segunda (1900) elaboração do aparelho psíquico, como um sistema intercalado entre as estruturas Preconsciente e Inconsciente. A função deste sistema é de simples barragem, filtragem entre duas estruturas, o que nos remete à conceituação de uma entidade topográfica, e não a um constructo dinâmico propriamente dito. Freud perde então a perspectiva da defesa como um constructo dinâmico que se coloca na mesma categoria do desejo, como uma força capaz de causar comportamento.

Freud teria sido mais coerente se conceituasse a Censura não como uma estrutura, mas tivesse mantido o modelo de 1895. Como foi visto, nesta primeira topografia o Psi-

pallium é constituído por duas forças básicas, o desejo primário e a tendência à defesa primária. O desejo se refere ao objeto de satisfação que é resíduo da experiência de satisfação. A defesa, por outro lado, surge como consequência da experiência de dor, que deixa como resíduo o "objeto hostil". Desta forma duas forças movem o Psi-pallium (sistema Inconsciente), o desejo que implica na catetização do objeto que trouxe satisfação até sua reprodução alucinatória, e a tendência à defesa primária que consiste na decatetização da memória do objeto hostil.

O sistema Psi-pallium-inibido-pelo Ego (Preconsciente), estrutura mais organizada, que surge dado a necessidades adaptativas também tem como meta buscar objetos reais prazerosos (desejo secundário), e evitar objetos hostis (defesa secundária). Graças a seus dispositivos mais complexos, alcança estes objetivos de forma mais elaborada, evitando gastos energéticos desnecessários e promovendo uma adaptação ao meio.

O descuido de Freud em referência ao conceito de defesa, leva-o a afirmações do tipo: "Resulta pues perfectamente lógico que el sueño sea una realización de deseos, dado que solo un deseo puede incitar al trabajo a nuestro aparato anímico". (pág. 556 - La realización de deseos - Interpretación de los Sueños).<sup>3</sup>

Argumentaríamos que duas forças movem o aparelho psíquico, o desejo e a defesa. No sonho, a defesa pode manifestar-se primariamente, sendo portanto característica do Sistema Inconsciente ou então secundariamente, ligada portanto ao sistema Preconsciente.



## Elaboração Onírica

### 1) - Primarização dos Restos Diurnos

Vimos que os restos diurnos são elementos constituintes do conteúdo latente, pertencem ao sistema Prec. e funcionam como pontes transferenciais para o desejo, proveniente do sistema Inc. Estas cadeias associativas, oriundas de nossa vida em vigília, obedecem a uma regulação lógica e coerente, que ao serem enlaçadas ao material procedente do Inc são transformadas em linguagem pertinente ao processo psíquico primário.

O processo mental desenvolvido no Prec. é realizado através da ativação de uma idéia propositiva que provoca o deslocamento secundário de catexias ao longo de uma cadeia associativa, que é selecionada em função de sua conexão com a idéia propositiva. A energia ligada à cadeia associativa por sua vez se espalha pelas redes de idéias derivadas do fluxo associativo e persiste durante um certo tempo, um estado de excitabilidade que é desfeito quando a energia que buscara descarga transforma-se em carga psíquica em repouso, que fica disponível ao aparelho psíquico. Entretanto, quando realizada esta transformação, as representações preconscientes estão decatetizadas não servindo portanto mais, como pontes transferenciais para a confecção da fantasia onírica.

Mas pode ocorrer que as cadeias associativas preconscientes por onde fluem as excitações, se conectem com um desejo proveniente do sistema Inc. sofrendo então uma primarização, com o conseqüente abandono da lógica da consciência.

Estas idéias procedentes de nossa vida em vigília não seriam necessariamente conscientes. A consciência segundo Freud, em "La Interpretacion de los Suños" (1900)<sup>3</sup> se re-

fere a atuação de uma função psíquica especial, a atenção. A ausência de consciência pode se dar por uma série de motivos:

1) - O processo de articulação mental desenvolvido no preconsciente não se torna consciente por simples descuido, desatenção.

2) - A catexia da atenção é suprimida porque se valoriza negativamente o desenvolvimento de idéias, que é considerado errado ou inapropriado para os propósitos intelectuais, sem implicar na interrupção do processo de articulação secundário, até da instalação do sono.

3) - Outra condição para a não recepção da catexias da atenção se dá quando o processo mental preconsciente, por manter uma relação direta com o desejo inconsciente, é então repudiado.

A escolha dos restos diurnos para a confecção da fantasia onírica se faz segundo vários critérios.

1) - Certas representações preconscentes que mantêm uma relação direta com fontes inconscientes se apoderam do fluxo mental ainda catetizado provocando uma conexão entre o desejo inconsciente e o curso associativo, funcionando portanto como idéias intermediárias.

2) - A cadeia associativa estava desde o princípio ligada a um desejo inconsciente.

3) - Por nenhum desses motivos, por simples necessidade transferencial (c/O Restos Diurnos - pág. 28).

Uma vez realizada a transferência do desejo inconsciente para o curso associativo preconsciente, o processo passa a apresentar características fundamentalmente diferen-

tes, que nos remetem à linguagem do processo psíquico primário.

É justamente esta linguagem que dá ao sonho todo um caráter estranho, insólito, cuja principal característica é o fato do fenômeno ser um produto imagético. O mecanismo do deslocamento, referente à transferência de intensidade psíquica, manifesta-se quando uma determinada representação passa a ter uma acentuação desproporcional ao seu próprio valor. Um elemento insignificante torna-se muito importante, porque atrás dele esconde-se uma outra idéia de caráter proibitivo, o que nos leva à transmutação de valores psíquicos no sonho. A condensação, por sua vez, aparece como o principal mecanismo responsável pelo aspecto absurdo do sonho. Uma imagem qualquer, uma pérola por exemplo, pode então nos levar a inúmeros significados. A possibilidade de se justapor idéias absolutamente incompatíveis, a desconsideração quanto a referência temporal, o fato do sonho se dar como um desejo que se põe como realizado no presente, o abandono da lógica da consciência e o conseqüente predomínio da realidade subjetiva sobre a objetiva é que torna o produto onírico tão parecido com os fenômenos psicopatológicos. "Desde este punto pasa el proceso mental por una serie de transformaciones que no reconocemos ya como procesos psicologicos normales y que nos dan un extraño resultado: esto es un producto psicopatológico". (pág. 569 - Proceso primario y el secundário - La repression - "Interpretacion de los Suenos").<sup>3</sup>

## 2) - Fantasia Onírica

Entrelaçado o desejo inconsciente com os restos diurnos do sistema preconsciente, desencadeia-se o processo da confecção da fantasia capaz de satisfazer parcialmente o desejo. Sabemos que a elaboração onírica implica numa regressão, numa primarização do processo de articulação men-

tal, que fica sendo caracterizado por uma linguagem básica de condensações e deslocamentos.

O deslocamento, explica-se pela transferência de intensidade psíquica de uma determinada idéia para outra representação, recebendo esta última uma acentuação desproporcional, que na realidade não lhe pertence. Verifica-se portanto uma transmutação de valores psíquicos, valendo-se a censura deste mecanismo para recursos encobridores.<sup>3,17,30</sup>

A condensação por sua vez, refere-se a um processo múltiplo de deslocamentos, havendo a transferência de intensidade psíquica de várias representações para uma única idéia que concentra uma alta intensidade, podendo representar uma extensa cadeia associativa.<sup>3,6,30</sup>

Segundo Freud, é o processo de condensação o responsável pelo caráter estranho e insólito de nossos sonhos e pelo seu aspecto sintético.

"No se halla entonces un solo elemento del contenido del sueño del cual no partan los helos de asociacion en dos o más direcciones, ni una sola situacion que no está compuesta de dos o más impressiones o sucessos". (pág. 239 - Los Sueños).<sup>17</sup>

A superdeterminação do conteúdo do sonho está em estreita relação com o mecanismo de condensação, característico, porém não exclusivo do processo onírico. A medida que de uma determinada representação, somos levados a inúmeras associações, devemos ter em mente a indeterminação do alcance de nossas traduções. Podemos afirmar que não temos meios possíveis de sabermos se esgotamos ou não as associações implícitas em determinada idéia, através de nosso instrumento terapêutico analítico.<sup>3,9,17</sup>

"A si pues el montante de condensacion es, en termino

rigurosos indeterminabile". (pág. 304 - La elaboracion onírica en Interpretacion de los Suños).<sup>17</sup>

O conjunto de idéias latentes que se organiza para formar o conteúdo manifesto do sonho, integra entre si um ou vários elementos comuns. Nega-se as diferenças existentes entre os componentes emergindo com nitidez somente os aspectos comuns. Quando as idéias latentes não contem em si essa comunidade, a elaboração onírica trata de criá-las artificialmente. Esta é uma regra necessária para que se forme uma condensação. O meio mais simples de criar esta conexão se refere ao aproveitamento do duplo sentido das palavras. Elabora-se portanto, elementos intermediários, as vezes, estranhos, forçados.

A Censura aproveita o mecanismo de condensação para fins deformadores, mas o processo é característico do pensamento inconsciente. A questão de como se forma a condensação e para que serve, é respondida por Freud em seu livro "Interpretacion de los Suños" - "Por ahora nos contentaremos con dejar establecida la condensacion onírica como una singular relacion entre las ideas latentes y el contenido manifesto de los suños" - (pág. 402 - La elaboracion onírica),<sup>3</sup> ou seja é resultante das forças atuantes no sonho.

Freud destaca alguns critérios para a transferência de intensidade psíquica das representações.

- 1) - A direção da condensação obedece primeiramente às relações preconcientes corretas.
- 2) - Se faz pela atração exercida pelas recordações visuais do Inconsciente.
- 3) - As representações podem manter relações muito afastadas entre si e se associarem por similitudência e sinonímia.

A condensação pode efetuar-se de diversas maneiras. Tentaremos esquematizar as possíveis formas deste mecanismo e evidenciar-se no processo onírico.

1) - Um determinado elemento concentra uma série de significações. Entretanto, o aspecto formal desta representação é unívoco não havendo rutura de unidade. Como exemplo citaríamos o sonho de Freud, onde a idéia monografia botânica, relacionada a um manuscrito visto pelo autor no dia anterior ao sonho, fora escolhida a medida que apresentara amplas conexões com várias possibilidades associativas, funcionando portanto como ponto de convergência.<sup>3</sup>

2) - Ainda sem rutura de unidade, uma pessoa é escolhida, conserva seus traços característicos, mas a situação que se mostra nos remete a um outro indivíduo, cujo nome ou peculiaridade está associado a um terceiro etc. Através de um sujeito verifica-se a possibilidade de identificação com vários outros e a pessoa corporalmente representada fica constituída como uma imagem coletiva.

3) - Cria-se artificialmente um elemento intermediário. Elabora-se uma figura compósita, colocando traços de determinadas pessoas em outras e vice-versa. Nesta categoria há uma rutura de unidade.

4) - Dentro da mesma classificação anterior, formam-se estruturas mistas, objetos absurdos, híbridos, in-existent na realidade externa, ou mesmo neologismos, que quando decompostos conduzem a associações significativas e coerentes.

3) - Representação visual do sonho

Descreveremos a possibilidade da confecção da fantasia onírica que implica na satisfação parcial do desejo aten-

dendo à defesa realizada graças aos processos de deslocamento e condensação, próprios do processo psíquico primário, vigente no sistema Inconsciente. Entretanto, uma das peculiaridades do sonho refere-se a sua representabilidade plástica. A maioria dos nossos sonhos se dão em termos visuais, como os fenômenos alucinatórios.

Freud a respeito deste problema propõe duas soluções:

1) Segundo a perspectiva de que um mesmo sistema não poderia ter duas funções simultâneas, a de percepção e de memória, uma vez que há a necessidade de modificação para a recepção de percepções novas, Freud conceitua os sistemas mnêmicos separadamente do sistema Percepção, responsável pelo caráter sensível de nossas impressões. O curso das excitações se faria habitualmente partindo do pólo perceptual ao pólo motor, e teríamos a sequência percepção-memória-pensamento. No fenômeno onírico, assim como na alucinação ou mesmo no pensamento reprodutivo, verificar-se-ia uma inversão desta direção que Freud denomina de regressão, mas somente nos dois primeiros casos atingir-se-ia ao nível sensível.

Freud afirma que o relaxamento da Censura explica a emergência de conteúdos reprimidos mas não é suficiente para dar conta do caráter visual do sonho. Formula que durante o sono, não havendo uma corrente contínua do sistema Percepção à motilidade, a excitação pode então tomar um caminho regressivo ocorrendo então a visualização. Acrescentado a isto haveria outro fator contribuinte que se refere à atração exercida por uma memória arcaica reprimida que conduz à representabilidade.

Não concordaríamos com Freud, em chamar de regressão a este processo a medida que estamos frente a uma inversão direcional e não diante de um processo que nos remeteria a uma estrutura menos organizada. Este processo ficaria me-

lhor conceituado como retrogressão no sentido de Breuer que na realidade fica referido a uma "regressão" empiricamente observada e não a um nível explicativo teórico.<sup>35</sup>

2) - Regressão formal que implica na substituição da vigência do processo psíquico secundário para o processo primário e sua linguagem característica.

É esta segunda proposição que posteriormente fica incorporada na teoria freudiana, havendo o abandono da primeira perspectiva.

Dentro desta formulação o aspecto visual do sonho refere-se ao superinvestimento energético das memórias resultantes das experiências de satisfação, que com a ausência do mecanismo inibitório pertinente ao processo psíquico secundário, leva ao fenômeno alucinatório, uma vez que a quantidade de investimentos condiciona a alucinação. Além desta explicação, Freud nos remete ao processo de condensação, como provocador de uma completa modificação nos valores psíquicos, dado à transferência de intensidade das diversas representações, o que conduz à possibilidade de vivificação das idéias.

O problema explicativo da diferença entre percepção e representação é continuamente reformulado na teoria Freud.

Na primeira esquematização do aparelho psíquico (1895), o que diferenciava uma percepção de uma representação eram os neurônios perceptivos (W), existindo como formulação superposta a esta, a idéia de que é o processo secundário, inibidor de um superinvestimento tendencioso, que permite que a diferença se estabeleça claramente.<sup>33</sup>

Em 1900, em "Interpretacion de los Suños",<sup>3</sup> esta segunda colocação é retomada. Dado a necessidades adaptativas o sistema Pre-Consciente regulado pelo processo psíquico se-



cundário, funciona como inibidor dos investimentos que acarretariam a identidade perceptual proporcionando a busca do objeto real.

Em 1911, Freud em seu artigo "Los dos Principios de lo Suceder Psíquico",<sup>8</sup> formula explicitamente os princípios do prazer e da realidade, sendo que este último se impõe gradativamente dado à premência das necessidades vitais, avaliando corretamente a realidade, proporcionando o discernimento entre a percepção e representação mental.

Entretanto, como já foi visto, nesta época apesar da criação de dois critérios, verifica-se um equacionamento na formulação freudiana entre Princípio do Prazer II - Processo psíquico primário e Princípio da Realidade - Processo psíquico secundário. O discernimento ainda se faz em termos da inibição provocada pelo processo psíquico secundário, que graças a sua ação permite o não investimento excessivo que acarretaria a identidade perceptual.

Em 1915, em seu artigo "Adición metapsicologica a la teoria de los sueños",<sup>18</sup> Freud oferece uma nova perspectiva. A possibilidade de se diferenciar uma representação de uma percepção objetiva fica a cargo do sistema Percepção-Consciência, que é então separado do sistema Preconsciente. Esta nova concepção não implica no abandono do critério de que um super-investimento leva conseqüentemente a representabilidade de certa memória à consciência. Cabe ao sistema Percepção-Consciência o "exame da realidade", e qualquer falha nesta apreciação fica a serviço de uma deficiência funcional desta estrutura. "En cambio parece justificado admitir la creencia en la realidad se halla legada a percepcion sensorial". (pág. 1065 - Adición Metapsicologica a la Teoria de los Sueños).<sup>18</sup>

Freud observa que o fenômeno alucinatorio, implica necessariamente em algo mais do que uma regressão que conduz

^  
a vivificação de representações, a medida que, podemos ter fantasias plásticas (devaneio), sem perder de vista o fato de estarmos diante de uma realidade interna.

O sistema P.Cc. tem como função o discernimento entre realidade interna e externa. Quando ocorre uma subtração de carga neste sistema verifica-se a perda da capacidade de diferenciação das duas realidades por parte da estrutura.

Nos fenômenos psicóticos, a perda da "prova da realidade" se dá pela recusa do ego, que a vive como insuportável e a substitui por uma vivência interna mais satisfatória.

No sonho, a perda do discernimento se dá por "renúncia voluntária", dado a falta de carga do sistema P.Cc., o que nos remete ao narcisismo parcial do estado de repouso que será desenvolvido posteriormente.<sup>18,30</sup>

Esta formulação conduz a uma ampliação dos níveis de regressão.<sup>35</sup>

- 1) - Regressão que se põe em termos de processo secundário para processo primário, e a consequente presença de uma linguagem de condensações e deslocamentos, como no devaneio.
- 2) - Regressão que se refere a substituição do princípio da realidade pelo princípio do prazer e a consequente perda da diferenciação entre o que é representado e o que é percepção real.

Nos sonhos, verificamos a conjunção dos dois tipos de regressão. É no que se refere a perda da prova de realidade que o fenômeno onírico se aproxima dos fenômenos psicóticos, enquanto que sua concomitância com os fenômenos psiconeuróticos fica relativa à prevalência de processos psí-

quicos primários, e sua linguagem de deslocamentos e condensações, que implicam na formação de compromisso entre os dois constructos: desejo e defesa.

#### 4) - Elaboração Secundária

Descrevemos os três processos de elaboração onírica, referentes à primarização dos restos diurnos, à confecção da fantasia que satisfaz o desejo atendendo à defesa e à proposição freudiana relativa à representabilidade do sonho conseguida graças à perda da prova da realidade.

Acrescido a estes três passos, resumiremos o processo da elaboração secundária, responsável pela possibilidade de se ter consciência do sonhado.

Segundo a teoria psicanalítica, a elaboração onírica se processa em três direções: progressiva, regressiva e novamente progressiva.

- a) Progressão - Os restos diurnos que não foram totalmente despojados de sua carga se vinculam ao desejo inconsciente ocorrendo a busca à consciência pelo caminho habitual, mas a barreira da "censura vigilante" se impõe, impedindo o avanço da corrente.
- b) Regressão - Além da "censura vigilante" supõe-se que no estado de repouso, o sistema Prec. protege-se de uma possível penetração, através da diminuição de sua excitabilidade e o processo inverte sua direção, chegando a se tornar imagético.
- c) Progressão - A representabilidade alcançada funciona como atração para a consciência e o sistema Prec. é então estimulado, conquistando-se parte de sua energia circulante, que torna então possível o trabalho da elaboração secundária que implica numa

tentativa de tornar o sonho coerente e compreensível.

"Su función es entonces la de ordenar los componentes del sueño de manera que se reúnan aproximadamente para formar una totalidad, una composición onírica" (pág. 246 - Los Sueños).<sup>17</sup>

Esta tentativa de compreensão e unificação não é exclusiva do sonho. Em toda nossa atividade intelectual verifica-se a tendência à coerência e inteligibilidade. Quando nos confrontamos com uma percepção de difícil integração, onde não compreendemos as relações apropriadas, criamos outras falsas, incorretas, para fins de organização. Nos fenômenos fóbicos, obsessivos e delirantes há o estabelecimento de conexões aparentemente compreensíveis para o atendimento desta exigência, sendo entretanto os nexos propostos falsos e frágeis.

O sonho fragmentado, confuso se apresenta após a elaboração secundária de forma mais coerente, mais articulada. Cabe lembrar que alguns sonhos só alcançam uma das funções da elaboração secundária, a acessibilidade à consciência, se apresentando de forma confusa, incoerente e desordenada.

A defesa, por sua vez, se vale desta necessidade organizacional para encobrir material produtor de angústia, valendo-se de conexões e formações arbitrárias.

Freud observa que estas interpolações são as que primeiro sucumbem ao esquecimento já que não constituem elementos que se vinculam ao desejo inconsciente. Acrescenta que essas representações podem, na maioria das vezes, ser detectadas como material contido nas idéias latentes, mas esses elementos são sempre secundários e de pouca significação para serem considerados pelo sonho, que só se ocupa do que é muito importante.

Uma das formas frequentes de que se vale a elaboração secundária, para construir o sonho como um produto contínuo é através do emprego de fantasias diurnas, já existentes no psiquismo. Entretanto a decomposição desses produtos, nos remete a desejos inconscientes reprimidos.

Concluindo, observamos que a conjugação dos quatro processos de elaboração onírica, tem como resultado o conteúdo manifesto do sonho. Desponta como processo primordial para a ocorrência do fenômeno onírico a regressão, que estudaremos mais detidamente no capítulo subsequente.

REGRESSÃO ONÍRICA

No capítulo 9, parte b do livro "La Interpretacion de los Suños",<sup>3</sup> Freud dá especial ênfase ao processo regressivo verificado no fenômeno onírico.

Afirma que haveria três regressões, temporal, formal e topográfica e que no fundo todas redundariam numa só, já que o que é mais antigo no tempo e mais primitivo formalmente, está mais próximo do pólo perceptivo.

Discordaríamos de Freud, no que se refere a conceituação de regressão topográfica, uma vez que, como observamos anteriormente, é mais apropriado chamarmos este processo de retrogressão, já que estamos lidando com um conceito descritivo que envolve uma inversão direcional.<sup>35</sup>

Por outro lado, a afirmação de que a regressão formal coincide com a temporal perde seu sentido, com a reformula

ção de 1915, que implica na superposição de dois critérios em referência aos conteúdos do sistema Inc. Faz parte deste sistema, não só conteúdos infantis, mas inclui-se nele desejos recentes reprimidos, de modo que o sonho pode manifestar uma regressão formal, sem necessariamente implicar numa volta a conteúdos de caráter infantil. Apesar da contínua insistência na obra freudiana de que o sonho nos remete a representações, desejos sexuais infantis, o novo critério implica na perda da concomitância entre as duas regressões.

A regressão formal, referida à passagem do processo secundário para o processo primário (e sua linguagem de condensações e deslocamentos) sofre uma ampliação em 1915, com a separação do sistema, P.Cc. que tem como função básica o "exame da realidade", permitindo a diferenciação entre o que é percepção e o que é representação. O sonho além de evidenciar uma regressão no que se refere ao privilégio do processo primário implica igualmente na perda da prova de realidade.

Com relação ao processo psíquico primário, Freud observa que na realidade nenhum aparelho psíquico tem como função única este tipo de processo. "No sabemos que exista ningún aparato psíquico cujo unico proceso sea el primario. Por tanto el suponer su existencia es una pura ficcion teórica". (pág. 573 - La Interpretacion de los Suños).<sup>3</sup> Hipotetiza que o processo psíquico primário é o primeiro a ser estabelecido e que o processo psíquico secundário gradativamente se desenvolve inibindo o funcionamento do primário a ponto de na idade adulta alcançar o domínio sobre o mais primitivo. O sonho constitui o fenômeno normal onde o domínio deste processo arcaico volta a prevalecer. Entretanto, cabe lembrar que a regressão nunca é absoluta.

O sonho evidencia processos primários e secundários, e podemos supor várias escalas de primarização. No caso dos

sonhos raros, mas existentes sem representações visuais, observamos uma primariedade com relação a deslocamentos e condensações, mas a ausência de plasticidade nos remete à função inibitória do segundo processo que impediu um sobre-investimento energético.

Ainda em referência a sonhos sem a manifestação de uma linguagem imagética, evidencia-se uma lacuna na descrição freudiana de conscientização do processo onírico. Segundo o autor é a representabilidade que atrai a consciência, mas os sonhos verbais também sofrem ação da consciência e podemos supor que a palavra é passível de despertar conscientização.

Em "Adición Metapsicclógica a la Teoría de los Sueños (1915),<sup>18</sup> Freud introduzirá um outro tipo regressão do fenômeno onírico referente à libido. O sonho implica numa volta ao estágio narcísico do desenvolvimento libidinal, fase de evolução intermediária entre o auto e o erotismo.<sup>16</sup>

Entretanto não concordaríamos que o processo onírico incluía uma volta ao narcisismo. Em 1914, "Introducción al Narcisismo",<sup>13</sup> Freud define o narcisismo secundário como uma retração da libido dos objetos em função de um investimento no próprio ego e correlaciona a regressão narcísica às psicoses "demencia precoce".<sup>7</sup>

Em referência às psiconeuroses, histeria e neurose obsessiva, Freud observa que o que se verifica é uma perda de relação com a realidade sem haver uma retração da libido objetal. O que ocorre é a substituição de objetos reais por fantásticos. Já no caso das neuroses narcísicas, não há esta substituição e a libido é toda voltada para o ego.

Argumentaríamos que o que ocorre no processo onírico é



concomitante aos processos psiconeuróticos. O sonho se manifesta como uma linguagem de desejos de objetos fantásticos que fica explicada pela regressão ao processo psíquico primário e a vigência do princípio do prazer.

Concluindo: A regressão formal é a essencial do fenômeno onírico e em geral vem acompanhada da regressão temporal e como fruto da regressão propriamente dita o aparelho psíquico funciona retrogressivamente.

## CAPÍTULO 6

### SONHOS DE ANGÚSTIA

O sonho de angústia surge como problema conceitual na teoria de Freud relativa à função realizadora de desejos do sonho. O autor tenta explicá-lo dentro da proposição da satisfação de desejos, incorrendo muitas vezes em conceituações inapropriadas, dado à desconsideração pelo constructo defesa.

Os sonhos na sua relação conteúdo-afeto podem ser classificados da seguinte forma:

- 1) - Sonhos de pura satisfação com conteúdos agradáveis.
- 2) - Sonhos de conteúdos desagradáveis com indiferença afetiva.
- 3) - Sonhos de conteúdo penoso, com afetos desprazerosos.
- 4) - Sonhos de angústia que levam ao despertar.
- 5) - Sonhos de angústia típicos dos que sofrem de neurose traumática.

No primeiro caso Freud aponta para a coincidência do desejo inconsciente com o consciente e clarifica o sucesso

da defesa na referência à elaboração onírica ter conseguido a substituição das representações contrárias e a repressão dos afetos produtores de desprazer concluindo que estes seriam sonhos que cumpriram a função de realizar desejos. Na realidade como já foi posto, estaríamos lidando com uma formação de compromisso bem sucedida, que obedeceu ao princípio do prazer II e não à satisfação de desejos propriamente dita.

No segundo caso Freud propõe que a realização do desejo reprimido produz uma satisfação de tal ordem que neutraliza os afetos penosos. Acrescentaríamos que ainda aí a defesa foi bem sucedida.

Para a terceira e quarta teoria Freud formula duas hipóteses:

a) - Os sonhos de conteúdo penoso se referem às tendências masoquistas do ego. O desejo realizado é o de se punir por se ter desejado algo ilícito. Apesar de ser inconsciente o desejo não pertence ao ego reprimido. O ego passaria a ter um papel mais preponderante e nestes casos o que se constituiu como material mais importante do sonho foi o desejo que reage ao conteúdo do Inc. Dentro da estruturação da segunda topografia do aparelho psíquico esta explicação fica ambígua, uma vez que há um equacionamento entre ego e o sistema Pc(Cc).<sup>3,20,22,31</sup> A correção é feita em 1923 ("O Ego e o Id")<sup>24</sup> quando o conceito inconsciente perde a característica de sistema e passa a ser usado como qualidade psíquica das estruturas Ego-Id e Super-Ego.

A hipótese é ainda inapropriada dado a incompatibilidade com a formulação freudiana de que sempre o desejo motivador do sonho é proveniente do sistema Inc.(Id) e é justamente este que deve ser satisfeito.

b) - Verifica-se a discórdia entre Consciente e o In-

consciente - entre o reprimido e o Ego - O sonho é uma "transação" entre os dois sistemas Inc. e Prec. A função do sonho é a de submeter a excitação do Inc ao domínio do Prec., de modo que o Inc. possa descarregar suas excitações e por outro lado o Prec possa dominá-las. A conciliação entre os dois sistemas se dá quando o desejo do Prec e do Inc são compatíveis. Do momento que o desejo do Inc. perturba intensamente o do Prec., há o rompimento da transação, surge a angústia, não cumprindo portanto o sonho sua segunda função. Mas isto, segundo Freud, não constitui uma incoerência com a função realizadora de desejos do sonho, o que ocorre é que o desejo pertence a um dos sistemas, o Inc. e o Prec. o reprimiu.

Clarificamos esta proposição formulando que neste caso o sonho não cumpriu a realização do desejo por não ter conseguido realizar a formação de "compromisso". Os sonhos de angústia implicam num fracasso da defesa. Criou-se um desequilíbrio entre o desejo e a defesa e daí a consequente produção de angústia. Freud ao invés de manter o constructo defesa na mesma categoria do constructo desejo, opta por um desejo preconsciente que não foi respeitado, tratando neste caso todo impulso no aparelho psíquico como desejo. Freud observa sobre o processo onírico "Constituye, pues una transaccion como todos los demás productos psíquicos de su série: transaccion que se halla simultaneamente al servicio de los dos sistemas realizando al mismo tiempo ambos deseos en cuanto los mismos se muestran compatibles". (pág. 562 em "La Interpretacion de los Sueños").<sup>3</sup>

A função do sonho falhou não porque não realizou o desejo do Prec. mas por não ter conseguido cumprir as demandas do princípio do prazer II.

Com relação a 5.<sup>a</sup> categoria, Freud introduz uma nova explicação no livro "Mas Allá del Principio del Placer"<sup>19</sup> no

que se refere ao conceito da compulsão à repetição, fator autônomo, irreduzível a uma dinâmica conflitual entre desejo e defesa. Este fator seria mais primitivo, mais elementar e é depois substituído pelo princípio do prazer.

Através da observação empírica do comportamento infantil nos brinquedos, da conduta repetitiva nas "neuroses de destino" e do comportamento transferencial na situação analítica, onde o indivíduo insiste em pontos de conduta arcaica, emerge o fator compulsivo. Mas, observa Freud que só em raros casos esta repetição se dá por si só, sem a concorrência de outros motivos. Nos jogos infantis ressalta o prazer pelo domínio, na transferência a compulsão fica a serviço da defesa egóica, em obediência ao princípio do prazer II.

Os sonhos peculiares aos que sofrem de neurose traumática constituiriam para Freud uma exceção a regra referida à satisfação de desejos. A repetição da situação traumática visaria a tentativa de dominar uma excitação que por não ter sido controlada atuou como fator desencadeante da doença.<sup>19,20,22</sup>

O trauma se refere a um perigo brusco para o qual o aparelho psíquico não estaria preparado (susto). Falham os dispositivos que só permitem a entrada de pequenas intensidades energéticas e o aparelho é inundado com grandes quantidades de excitação tendo que "ligar" psiquicamente a quantidade e permitir sua descarga.

A angústia segundo Freud (1920)<sup>19</sup> refere-se a uma expectativa do perigo e uma preparação para ele, portanto conclui o autor que os sonhos da neurose traumática visam desenvolver angústia para dominar a situação cuja negligência causou a neurose.

Na descrição da experiência de dor, feita em 1895,<sup>33</sup> en

contramos a explicação dos sonhos de angústia (traumáticos). A medida que falham os dispositivos teloneuronais (cap.I), há um aumento no nível de catexias que ultrapassa o nível constante. Entra em funcionamento os neurônios secretores que produzem energia que é levada a Psi-pallium (Inconsciente - Id). Começa então a funcionar a defesa primária que consiste na de-catetização da memória do objeto hostil. Se for novamente re-catetizada a memória desagradável haverá um novo aumento de catexias.

O sonho traumático constitui justamente esta produção. A angústia produzida se refere à atuação dos neurônios secretores e o concomitante fracasso da defesa primária que foi incapaz de de-catetizar a memória do objeto hostil.

A função do sonho fracassou por não ter sido a defesa bem sucedida. Não concordaríamos portanto com Freud que os sonhos traumáticos são os que fogem à regra da satisfação de desejos, dado a um fator especial a compulsão à repetição. Argumentaríamos que a compulsão à repetição refere-se a um fator existente no aparelho psíquico que pode ser utilizado para diversas circunstâncias, defensivas, prazerosas, para fins de aprendizagem, desenvolvimento, mas não como fator explicativo dos sonhos de angústia da neurose traumática.

## CONCLUSÃO

A partir da sistematização das duas teorias do aparelho psíquico e da discussão dos diferentes significados das formulações sobre o princípio do prazer e sobre a regressão, examinamos as concepções freudianas sobre a natureza do sonho e empreendemos um exame crítico da metapsicologia do processo onírico reformulando-a em alguns dos seus aspectos fundamentais:

- 1) - O sonho não satisfaz simplesmente o desejo. O fenômeno onírico se estrutura como uma formação de "compromisso" que implica na exigência da satisfação de dois pólos: o do desejo e o da defesa. É quando o sonho realiza parcialmente o desejo respeitando as defesas necessárias, que funciona em obediência ao Princípio do Prazer II.
- 2) - A Defesa (censura) deixa de ser topográfica e vol

ta a adquirir sua conotação dinâmica e portanto os conceitos desejo e defesa emergem como pares antitéticos que se entrelaçam, se interpõem na confecção onírica.

3) - A regressão formal é a essencial para o sonho destacando-se dois tipos:

- regressão que se põe em termos da substituição da vigência do processo psíquico secundário pela do processo psíquico primário, ou seja, a perda das "ligações" do ego.
- Regressão relativa à incapacidade de diferenciar uma representação de uma percepção, resultado da perda do "exame da realidade".

Consequentemente:

- a) - julgamos poder explicar os sonhos de angústia através da formulação do fracasso da defesa, isto é, quando o sonho não se constitui como uma "formação de compromisso" dispensando as teses sobre as tendências masoquistas do ego, os desejos do Prec e a compulsão à repetição.
- b) - julgamos ainda poder reformular a tese de que o Desejo é o único motor do aparelho psíquico e afirmaríamos que o funcionamento do aparelho psíquico é motivado por duas forças: o Desejo e a Defesa.



## BIBLIOGRAFIA


1. BARROS, C.P. "Thermodynamic and Evolutionary concepts in the Formal Structure of Freud's Metapsychology", in S. Arieti (ed), The World Biennial of Psychiatry and Psychotherapy. New York. Basic Books, 1971, Vol. I, pp. 72-111.
2. —. "Contribuição a Controvérsia sobre o "Ponto de Vista Econômico", em Problemas Metodológicos da Psicanálise (Consciência nº 2), Petrópolis, Vozes, 1975.
3. FREUD, S. "La Interpretacion de los Suños" (1900), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 231-581.
4. —. "Relación del Chiste en los Suños y lo Inconsciente" (1905), em Obras Completas. Madrid: Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 891-901.
5. —. "Análisis Fragmentario de una Histeria" (1905), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 513-561.


6. FREUD, S. "El Delirio y los Sueños en la Gradiva de W. Jensen" (1907), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 583-625.
7. —. "Observaciones Psicoanalíticas sobre un Caso de Paranoia" (Dementia Paranoides). Autobiográficamente Descrito (1911), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 661-693.
8. —. "Los Dos Principios del Suceser Psíquico" (1911), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 403-407.
9. —. "El Empleo de la Interpretación de los Sueños em el Psicanálisis" (1911), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 318-321.
10. —. "Un Sueño como Testimonio" (1913), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 81-88.
11. —. "Sueños con Temas de Cuentos Infantiles" (1913), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 88-94.
12. —. "Representación de la "Gran Hazana" em el Sueño" (1914), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 94-95.
13. —. "Introducción al Narcisismo" (1914), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 1075-1088.
14. —. "Los Instintos y Sus Destinos" (1915), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva (1948) Vol. I, pp. 1027-1037.
15. —. "Lo Inconsciente" (1915), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 1043-1060.
16. —. "La Teoría de la Libido y el Narcisismo" (1916-1917) em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 272-281.
17. —. "Los Sueños" (1916-1917), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 96-176.

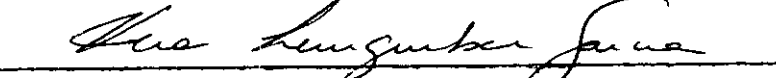
18. FREUD, S. "Adición Metapsicológica a la Teoría de los Sueños" (1917), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 1061-1067.
19. —. "Mas Allá del Principio del Placer" (1920), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 1089-1117.
20. —. "Complementos a la Teoría Onírica" (1920), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 95.
21. —. "El Sueño y la Telepatía" (1922), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 96-115.
22. —. "Observaciones sobre la Teoría y la Práctica de la Interpretación Onírica" (1923), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 116-125.
23. —. "I - Popper Lynkeus y la Teoría Onírica" (1923), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 126-128.
24. —. "El Yo y el Ello" (1923), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 1191-1212.
25. —. "La Significación Ocultista del Sueño" (1925), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 128-130.
26. —. "Los Límites de la Interpretabilidad de los Sueños" (1925), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 131-134.
27. —. "La Responsabilidad Moral por el Contenido de los Sueños" (1925), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 134-137.
28. —. "Mi Relación con Josef Popper Lynkeus" (1932), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 139-144.
29. —. "Sueños y Ocultismo" (1933), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 799-812.

30. FREUD, S. "Revision de la Teoria de los Suños"(1933), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 788-799.
31. —. "Aclaraciones a la Interpretacion de los Suños" (1940), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp. 1027-1033.
32. —. "La Interpretacion de los Suños como Modelo Ilustrativo" (1940), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. Vol. III, pp.407-412.
33. —. "Proyecto de una Psicologia para Neurólogos"(1950) (1895), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968. pp. 883-943.
34. LAPLANCHE, I., PONTALIS, I.B. "Vocabulário da Psicanálise". Livraria Martins Fontes. Santos.
35. MALAN, A.M. "O Conceito de Regressão na Teoria de Freud" (1975) - Tese em elaboração - PUC - Rio de Janeiro.

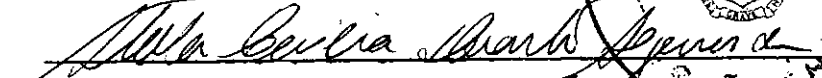
Tese apresentada no Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

  
DR. CARLOS PAES DE BARROS

  
PROF. MONIQUE AUGRAS

  
PROF. VERA LEMGRUBER GARCIA

Visto e permitida a impressão.  
Rio de Janeiro, fevereiro de 1975

  
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação e  
Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências  
Humanas

